
OFICINA DE LITERATURA: UM ESPAÇO PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS NA ESCOLA

Deusa Castro Barros¹
Iara de Oliveira²

Apresentação

A leitura literária em âmbito escolar é o objeto de investigação e intervenção nesse relato de experiência, que resulta da aplicação de procedimentos de mediação de leitura com alunos do Ensino Médio.

Defendemos, aqui, que a escola, por seu papel crucial na aproximação entre o leitor e a literatura no Brasil, pode alcançar resultados bastante efetivos na formação do leitor ao aplicar procedimentos de leitura que se pautam pela apreciação estética da obra de arte, e não na aferição direta de conhecimentos. Claramente isso se contrapõe à visão escolarizada de leitura, pois, de modo geral, tal perspectiva entende que a efetividade do processo de letramento literário só é possível em meio a cobranças e obrigações, o que reforça uma visão utilitarista do texto literário.

Compreendendo a problemática exposta, propusemos uma série de ações que possibilitassem uma aproximação positiva dos alunos para com obras literárias, sem o estigma de atividade escolar. Para tanto, realizamos o projeto Oficina de Literatura, em conjunto com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Instituto Federal de Goiás, Campus Goiânia, no qual utilizamos diversas estratégias de mediação da leitura a fim de construir uma melhor apreciação da Literatura em suas diversas representações.

Caracterização da Escola

A Oficina de Literatura aqui relatada foi realizada no Campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), situado na região central da cidade. O IFG oferece, em

¹ Possui doutorado em Literatura pelo TEL/Instituto de Letras/UnB (2014), é professora efetiva (DE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, atuando no curso de Licenciatura em Letras, em cursos de nível médio e com projetos de mediação de leitura. Email: deusacastro@yahoo.com.br

² Graduada em Letras – Português pela Universidade Federal de Goiás, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) atuante no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás desde 2015. Email: iaraoliveira@gmail.com



nível médio, 7 cursos técnicos integrados em modalidade regular e 3 em modalidade EJA, atendendo em torno de 1300 alunos. Tratando-se de uma escola da rede pública federal, o quadro de docentes se constitui, em sua maioria, por professores efetivos pós-graduados (mestres e doutores), em regime de dedicação exclusiva. O corpo discente, por sua vez, é constituído por alunos de diversas classes sociais, visto que 50% das vagas, no processo seletivo, destinam-se a alunos que cursaram o ensino fundamental em escola pública.

Participam do projeto Oficina de Literatura alunos de Ensino Médio, sobretudo os que cursam o 1º ano, provavelmente devido ao fato da mediadora do projeto ministrar aulas regulares para esses alunos e valer-se de uma influência positiva para estimulá-los a se inscreverem nas atividades de leitura no contra turno das aulas.

A Oficina funciona com uma turma de, aproximadamente, 30 jovens entre 14 e 16 anos de idade e tem um índice de alunos faltosos e desistentes muito pequeno (as poucas desistências /faltas que ocorreram vieram acompanhadas de justificativas como choques de horários com outras atividades e/ou disciplinas desenvolvidas no Instituto).

Fundamentação teórica

O público jovem do Ensino Médio Técnico do Instituto, alvo do projeto relatado, costuma ter uma base escolar satisfatória, uma vez que passam por um processo seletivo. Porém, nem sempre essa base é muito abastada de experiências e vivências de leitura prazerosas. Considerando esse fator, o elemento norteador da Oficina é a promoção de experiências estéticas com a Literatura a fim de proporcionar uma aproximação produtiva com obras literárias e garantir esse direito tantas vezes negado ao estudante brasileiro.

É preciso, para isso, desconstruir a imagem de “torre de marfim”, que é comumente associada à Literatura e que afasta o seu leitor, principalmente os jovens. Assim, a nossa prática de mediação se propõe, também, a desconstruir algumas concepções equivocadas que os alunos trazem consigo sobre Literatura para que esses leitores em formação sintam-se confortáveis frente ao texto e aos desafios que esse impõe. Nesse sentido, corroboraremos com Petit (2008, p. 27), quando afirma a necessidade do mediador, diante de um leitor que se intimida com a própria voz ante o texto literário, "autorizar e legitimar" o desejo inseguro daquele sujeito.

Esse posicionamento nos exige a abertura para ouvir a negação do desejo de ler e pensar, coletivamente, até que ponto tal negação decorre das não prazerosas experiências anteriores ou até que ponto trata-se de uma escolha ou um condicionamento decorrente da privação e/ou falta de conhecimento sobre as obras de arte literárias.



De acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 84) se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativas desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. Nesse sentido, orientamos nosso trabalho a fim de, costumeiramente, expandir o horizonte de leitura com que os alunos participantes chegam à nossa Oficina, de modo que estimule um comportamento ativo dos leitores, que completam as lacunas e participam do exercício dialógico que a leitura literária pressupõe. Frente a isso, colocamos a provocação por meio da obra literária como um dos princípios básicos de nossas ações. Sobre esse tipo de proposição na mediação da leitura, Cruvinel (2008, p. 126.) afirma:

“A atividade de leitura deve se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo que lhe revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro.” (Cruvinel, 2008, p. 126. In: Silva, 2009, p. 29).

A provocação do espelhamento da realidade por meio da obra literária seguido da reflexão se situa, no projeto, sobretudo nos momentos da oficina em que contextualizamos e atualizamos a obra literária. Procuramos, com essas ações, exercitar o reconhecimento de aspectos das obras que refletem questões atuais, nas ações humanas e nos comportamentos sociais e políticos. Nesse sentido, Bordini e Aguiar (1998, p. 15) afirmam que a riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Frente a esse dado, de forma alguma poderíamos tratar a leitura da obra literária com objetivos meramente de avaliação qualitativa e/ou quantitativa do aprendizado desse aluno participante, pois isso implicaria em vetar uma a liberdade de interpretação que a literatura, como arte, traz consigo desde a sua elaboração.

Segundo Petit (2008, p. 79) não é um luxo poder pensar a própria vida com a ajuda de obras de ficção que tocam no mais profundo da experiência humana, por isso tanto atentamos para a devida democratização e socialização do contato literário e das experiências estéticas proporcionadas por essa arte.

Descrição da oficina

Em funcionamento desde 2009, a Oficina de Literatura do IFG já tem uma significativa presença na instituição. A edição da Oficina que aqui relatamos ocorreu no semestre letivo de 2016/1, entre os meses de outubro de 2016 a abril de 2017, devido ao calendário de reposição de greve do Instituto referente ao ano anterior. Os encontros foram semanais, em doze encontros com duração de 2h30min cada. No total, a Oficina tem trinta horas de duração e confere certificado de participação aos alunos que tiverem 75% de presença.



As atividades são desenvolvidas em três etapas, com a leitura de obras do gênero narrativo, dramático e lírico. Um dado bastante importante que a estrutura física e financeira do Instituto Federal oferece é a condição fornecer aos alunos cópias das obras literárias escolhidas para leitura, devido a uma cota de cópias para cada professor. É essa cota que a supervisora do PIBID utiliza para garantir que os alunos não tenham gastos no acesso às obras literárias, o que torna esse contato mais justo e democrático para os participantes.

Com essas cópias em mãos, cada participante da oficina tem a sua experiência de leitura e contato individual com a materialidade da obra literária e podem folheá-las livremente, destacarem partes que disseram algo sobre si mesmo ou que acharam bonitas, do mesmo modo que podem fazer uma releitura de certos pontos do texto em casa ou nos encontros da Oficina.

Ao encerrarmos a leitura de determinada obra, é recomendado aos alunos que, caso não queiram permanecer com a cópia, presenteiem a algum colega para que indiretamente esse jovem também participe da oficina. Com isso, pretendemos construir uma rede de mediação que se propague além do âmbito da Oficina e da escola.

A seleção das obras literárias

A escolha das obras literárias a serem lidas em cada edição da Oficina é realizada em longas conversas entre as mediadoras, a fim de escolher obras de relevância, sem deixar de considerar o que seria atrativo para o público jovem. Optamos continuamente por obras consideradas clássicas, pois o ambiente escolar muitas vezes é o principal ou único vetor do cânone para esses jovens.

Dentro desse critério, considera-se as preferências das mediadoras, pois entendemos ser extremamente importante que a mediação transpareça afeição pela obra, a fim de provocar a sedução dos alunos participantes.

As escolhas das obras são acompanhadas da discussão sobre assuntos e temas transversais que podem ser abordados ao longo da leitura, na Oficina. Esse planejamento é importante para atendermos um dos objetivos da Oficina, que é levantar e questionar, em conjunto com os alunos, questões da contemporaneidade que podem ser "iluminadas" pela obra literária lida, como forma de exercitar a reflexão do real e do subjetivo pela obra de arte.

Na seleção das obras, também procuramos pensar livros que tragam temáticas diferentes e gêneros distintos, a fim de que os alunos conheçam a amplitude do campo literário e possam pensar com propriedade suas preferências literárias. Levamos em



consideração também, o volume de leitura em relação à tiragem de cópias e ao nosso tempo hábil, visando uma degustação e apreciação atenta e deleitosa de cada obra. Não há preocupação quanto ao nível de dificuldade dos textos, mas há um certo cuidado com a densidade das obras e uma intercalação entre obras mais leves e mais densas.

Ao final de todo esse cotejamento, para edição aqui relatada, foram selecionadas as seguintes obras: Coletânea de contos selecionados da obra *Contos de Horror do Século XIX*, organizado por Alberto Manguel; comédia teatral *A Farsa da Boa Preguiça*, de Ariano Suassuna e Coletânea de poemas selecionados do conjunto da obra de quatro autores goianos: José Godoy Garcia, Darcy França Denófrío, Dheyne de Souza e Wilton Cardoso. Essa última escolha foi motivada por uma pesquisa de umas mediadoras sobre a poesia goiana e teve, como objetivo, apresentar aos alunos a produção poética contemporânea de sua região.

A recepção das obras literárias

Os primeiros encontros de oficina sempre são marcados por rostos ansiosos e um certo medo em emitir opinião e participar das leituras em voz alta. Entretanto, já prevendo essa reação devido aos anos de experiência, os primeiros encontros são conduzidos de forma mais expositiva por parte das mediadoras. Porém, com a estimulação da participação, a cada encontro mais e mais alunos se sentem motivados a ler e debater sobre as obras.

No terceiro encontro, os alunos demonstraram mais afinidade com os textos, oferecendo-se para as leituras livremente e estabelecendo relações muito ricas entre a obra lida e temas da contemporaneidade, refletindo sobre sua realidade e compartilhando suas impressões com os colegas. A liberdade e o espaço que as mediadoras possibilitam para que os alunos compartilhem suas impressões do livro, apontem temas transversais e expressem sua individualidade faz-se imprescindível para valorização das vozes dos alunos.

No primeiro bloco da Oficina, fizemos a leitura da Coletânea de contos de horror do século XIX. Mobilizados pela atração que tantos adolescentes sentem pelas narrativas fantásticas, os alunos reagiram com muito interesse e até mesmo bom humor no contato com as narrativas. Questões como a crueldade humana, o perigo dos avanços científicos, a crença ou não em vida após a morte permearam as reflexões aventadas pelos alunos. As narrativas nos contos de terror promoveram um encontro com narrativas orais a respeito de histórias sobrenaturais, possibilitando relatos acerca medos de infância e de histórias de horror da tradição familiar.



O "clima" de suspense promovido pelas narrativas causou interessantes reações aos barulhos do ambiente, que motivaram sustos e risadas durante as leituras. Um dado interessante que causou uma conversa mais prolongada foi a leitura de contos que trazia personagens vampiros; como várias narrativas contemporâneas dos alunos trazem esse mito para o presente, foi muito produtivo mostrar as origens dessas histórias e explicar sobre as transformações que temas e mitos sofrem ao longo do tempo, evidenciando o papel do leitor na recepção e manutenção de temas literários. Ao realizarem as leituras dos contos em voz alta, ainda que não dominassem técnicas de vocalização, os leitores se esforçavam para construir uma leitura com entonação e modificação de voz, a fim de dar vida às personagens, uma orientação dada pelas mediadoras durante os momentos de leituras coletiva das obras literárias.

O segundo bloco de leitura foi dedicado à peça teatral *A Farsa da Boa Preguiça*, de Ariano Suassuna, uma leitura mais "leve", pois saímos das apreensões humanas e do grotesco, próprios das narrativas de horror, e nos direcionamos para a sátira e o humor peculiar das comédias de Suassuna.

Após uma breve contextualização da obra e apresentação do autor, iniciamos a leitura coletiva e oral do primeiro ato da peça. Como esperado na leitura de uma comédia de Suassuna, já nas primeiras cenas os alunos estavam envolvidos na narrativa. Gargalhadas de alguns e risos mais contidos de outros faziam a trilha sonora à medida em que percebiam as ironias e críticas sociais no texto. Era visível a forma prazerosa como eles se sentiam diante da leitura e como estavam desejosos para saber o desfecho do primeiro ato. Durante a leitura, algumas curiosidades sobre as peculiaridades da cultura oral nordestina foram sanadas pelas mediadoras, incentivando os alunos a se deslocarem do seu lugar para compreender um pouco da cultura de outra região.

Durante a leitura da peça, a intenção original era que os alunos se revezassem na composição das personagens, para a leitura não ficar muito cansativa. Mas essa proposta não foi muito bem aceita por eles, uma vez que desenvolveram certa afetividade pelas personalidades das personagens que interpretavam na leitura coletiva.

Para encerrarmos a leitura dessa obra, optamos por fazer a leitura de algumas cenas no palco do teatro do Instituto, sem plateia. A intenção inicial era que eles pensassem sobre os procedimentos de transposição da leitura coletiva para a encenação, uma vez que vários alunos nunca tinham lido uma peça teatral. Essa atividade lúdica de leitura coletiva e de interpretação foi bastante produtiva, pois alunos que desconheciam a função do texto teatral puderam observar detalhes desse gênero, como, por exemplo, a relevância das rubricas para o entendimento e fruição desse tipo de texto.

Ao final desse encontro, sentados em círculo e solicitados a avaliar as experiências de leitura da peça, todos os alunos verbalizaram a satisfação com a diversão e o aprendizado decorrente das leituras vocalizadas. Em suas falas, foi possível comprovar a eficiência de não dicotomizar o lúdico e o



reflexivo, e sim, integrar essas duas características da obra literária, aliando prazer e conhecimento na formação do leitor.

O terceiro e último bloco da Oficina foi dedicado ao gênero lírico, com a coletânea de poemas goianos. Assim como em todo início de leitura de uma obra nova, falamos um pouco sobre os autores, contextualizado a produção poética dos quatro autores selecionados para a leitura. Em seguida entregamos o material de leitura para aquele encontro, que tratava-se de apenas quatro páginas, com doze poemas: oito de Darcy França Denófrío, três de Dheyne de Souza e dois de Wilton Cardoso. Essa quantidade pequena causou estranhamento aos alunos, pois imaginaram que tão pouco texto seria lido em um tempo muito curto. No entanto, a conversa sobre os textos se estendeu de tal forma que, naquela tarde, conseguimos trabalhar somente os poemas da poeta Darcy França Denófrío. Os alunos se surpreenderam com as formas e os temas dos poemas, pois não falavam de amor romântico, e sim de dor e angústia. Estando confortáveis com as leituras, levantavam diversas hipóteses coerentes sobre os poemas e foram percebendo o quanto são capazes de ler e entender poemas, desconstruindo o mito de que poesia é difícil, ela apenas exige outras estratégias de leitura. Em conjunto, nos debruçamos sobre as metáforas a fim de esmiuçar o texto poético e atentar para a multiplicidade de sentidos dos poemas.

A partir do segundo encontro de leitura dos poemas, informamos que as leituras seriam feitas em tela de computador, no laboratório de Linguagens. A mudança de espaço tinha dois objetivos: primeiro, apresentar autores que publicam seus poemas em plataformas virtuais e fazem uso de ferramentas digitais como blogs e YouTube; segundo, compararmos as práticas de leitura e verificar se os alunos interagem com textos em tela com a mesma facilidade que os textos em livro.

Nos três seguintes encontros, usamos o laboratório para acessar poemas dos outros três poetas selecionados, começando pela poesia da autora goiana Dheyne de Souza. Solicitamos aos alunos que navegassem pelo blog da autora livremente e escolhessem poemas para a leitura coletiva. Eles passaram cerca de vinte minutos navegando e passamos o restante do encontro para que cada aluno lesse o poema escolhido, boa parte dos alunos justificou a escolha pelo interesse a respeito da temática do texto. Interessante observar a desenvoltura que os alunos apresentaram na leitura, revelando uma aproximação cada vez mais produtiva com o texto.

No encontro seguinte, ocupamo-nos da leitura de poemas do autor Wilton Cardoso, que publica seus textos em um blog pessoal e em um canal do Youtube. Os alunos se encantaram com sua poesia herdeira do concretismo e observaram que tais poemas se mostravam diferente de tudo que eles conheciam de poesia. Na mediação dos textos, solicitamos que os alunos atentassem para os diversos modos de ler os poemas visuais e eles perceberam que deviam utilizar de estratégias diferentes de leitura, pois não se tratava de uma leitura apenas linear, por vezes o poema poderia ser



na diagonal, na vertical etc. Além disso, constataram como a disposição das palavras e outras estratégias imagéticas colaboravam para a construção dos sentidos do texto poético.

O penúltimo encontro da Oficina foi dedicado à leitura de poemas de José Godoy Garcia, um poeta com extensa produção no século XX. Ainda que sua obra esteja impressa, optamos por continuar a estratégia de leitura em tela, pesquisando sites de poesia que publicaram obras do referido poeta. Diferentemente das situações anteriores, os alunos foram orientados a buscarem determinados poemas selecionados previamente pelas mediadoras, a fim de vislumbrarem a diversidade de temas da poesia de Godoy Garcia. A leitura dos poemas foi pontuada com informações do contexto de produção, o que instigou maior curiosidade nos alunos a respeito dos poemas engajados politicamente e outros que descreviam a geografia de Goiás em associação com o Rio Araguaia. Ainda que tenham se deparado com metáforas complexas e campos semânticos elaborados, os alunos não se intimidaram e não deixaram de levantar hipóteses e de compartilharem aqueles poemas que se tornaram seus favoritos desse autor.

Por fim, encerramos a Oficina com uma roda de leitura e conversa sobre poesia, quando os alunos compartilharam com colegas suas escolhas de poemas e suas interpretações dos mesmos.

Resultados alcançados

Trabalhar com mediação de leitura proporciona grandes desafios e ainda maiores conquistas. Nesse projeto, o grande desafio era vencer a percepção limitada de leitura literária que foi imposta aos alunos pela escola. A grande conquista foi perceber que, independente das dificuldades e frustrações advindas de experiências negativas com a Literatura na escola, é sempre possível construir novas pontes de aproximação entre o leitor e a Literatura.

Em nossa experiência de mediação na Oficina de Literatura, conseguimos, por meio de estratégias que valorizam a voz e as escolhas dos alunos, apresentar um conjunto de obras literárias de relevância artística, sem utilizar ferramentas de controle como a avaliação quantitativa e obrigatoriedade de leitura, mas sim estimulando os leitores a interagirem com as obras por meio das leituras coletivas e das discussões delas decorrentes.

Nesse processo, alunos que não demonstravam desejos de ler Literatura foram apresentados a novas possibilidades de se relacionar com o texto literário e, com isso, construíram uma visão positiva da leitura de contos, poemas e até mesmo texto teatral.

As atividades desenvolvidas proporcionaram, a cada um dos participantes da Oficina, a reflexão sobre a relevância da arte em suas vidas, possibilitando uma maior autonomia na escolha do seu cânone individual.



Esperamos, por fim, ter contribuído para a subversão da ideia estabelecida e cristalizada socialmente de que a Literatura é algo muito distante e elevado do público leigo, trabalhando na formação de um leitor crítico e consciente de seu direito de acesso aos bens culturais, em especial, à obra de arte Literária.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

